



O PAPEL DO EDUCADOR NA FORMAÇÃO DE JOVENS NA ERA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL¹

TERRA, Andréa – SESI 316²

¹ Este artigo é resultado de um projeto de pesquisa aplicada ao ensino de História, desenvolvido na Escola SESI 316 – Campo Limpo Paulista (SP), com estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental.

² Andréa Terra – Professora de História e Geografia do SESI-SP. E-mail: andrea.cherfen@sesisp.org.br

RESUMO

Este trabalho apresenta uma experiência pedagógica desenvolvida no ensino de História que articula o uso da Inteligência Artificial (IA) e a mediação docente na construção do pensamento crítico e da autoria intelectual. A reflexão sobre o papel do educador na formação de jovens na era da Inteligência Artificial (IA) serviu de base para a elaboração do projeto *Olimpíada de História* do SESI, voltado aos alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II. Inspirado na metodologia da Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB), organizada pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), o projeto propôs atividades investigativas e colaborativas, estimulando os estudantes à análise crítica das fontes históricas e à produção autoral de respostas. A prática evidenciou que, com intencionalidade pedagógica, o uso da IA pode favorecer o desenvolvimento da autonomia intelectual e da reflexão histórica. O objetivo foi desenvolver o pensamento crítico, a autonomia e a habilidade de pesquisa dos estudantes, desafiando-os a elaborar questões de múltipla escolha baseadas em fontes históricas e no livro didático, utilizando a IA de modo crítico e ético. A proposta adotou uma metodologia participativa, com análise de fontes, discussão coletiva e construção colaborativa das questões, incentivando a comparação entre diferentes interpretações históricas e as respostas oferecidas pela tecnologia. O processo evidenciou dificuldades iniciais na interação crítica com a ferramenta digital, demandando mediação docente. Ao longo da experiência, observou-se significativa evolução na postura investigativa dos alunos, na capacidade de análise das fontes e na compreensão dos limites e possibilidades do uso da IA no contexto educacional. O projeto contribuiu para o fortalecimento do protagonismo discente e para a integração entre ensino, tecnologia e reflexão histórica, demonstrando que a aprendizagem mediada por tecnologias pode ser um caminho potente para a construção de saberes autônomos e críticos.

Palavras-chave: Inteligência Artificial; Ensino de História; Autonomia.

1. INTRODUÇÃO

A presença crescente da Inteligência Artificial nos contextos educacionais tem provocado profundas reflexões sobre o papel do educador e sobre as novas formas de mediação do conhecimento. No ensino de História, em especial, o desafio consiste em orientar o estudante a utilizar as tecnologias digitais como instrumento de orientação de pesquisa e construção crítica, e não apenas como recurso automático de resposta. Não há como impedir a interação do estudante com os mecanismos da IA, contudo, faz-se urgente que percebam a pesquisa como vivência literária, registro, questionamentos e busca por respostas. Assim constitui-se a formação do(a) estudante pesquisador, crítico e construtor do conhecimento. A provocação constante que enfatiza tais pontos é fundamental para a formação acadêmica da geração que hoje se vê cercada pelos recursos da IA.

Diante desse contexto, a questão que orientou esta pesquisa foi: de que modo a mediação docente pode transformar o uso da Inteligência Artificial em um instrumento de formação crítica e autoral dos estudantes?

Buscando compreender essa realidade, foram consultadas obras acadêmicas e relatos de experiências educacionais, como o volume *ChatGPT e outras Inteligências Artificiais* (2024), que traz referências a encontros entre educadores promovidos pela Universidade de Manchester, discutindo desafios e dilemas relacionados ao uso da IA; incluindo a formação crítica, ética e pedagógica dos estudantes (PORTO; SANTOS; BOTTENTUIT JR., 2024).

Observou-se, na rotina escolar, um enfraquecimento da autonomia cognitiva, apatia investigativa crescente e desmobilização da curiosidade intelectual — sobretudo entre jovens das gerações Z e Alpha, imersos em realidades digitais automatizadas.

Tendo em vista este cenário, desenvolveu-se o projeto *Olimpíada de História Sesi 316*, cujo propósito foi estimular o pensamento crítico, a autonomia e a capacidade de análise dos alunos do 9º ano por meio da elaboração de questões de múltipla escolha baseadas na pesquisa de fontes históricas (textos, artigos, canções, etc.) e no livro didático, utilizando a IA como apoio reflexivo. O objetivo foi promover a interação crítica e consciente dos(as) estudantes com a IA.

Dentre tais apontamentos se dá a justificativa para o desenvolvimento desta pesquisa que surge das angústias vivenciadas diante do impacto da IA no ambiente escolar, observando a perda de profundidade reflexiva, o empobrecimento da comunicação escrita e o risco de automatização do pensamento crítico. Como destaca Freire (1996, p. 25), “*ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.*” Essa perspectiva sustenta que o uso da Inteligência Artificial na educação só tem sentido quando o professor atua como mediador do conhecimento, estimulando a leitura e a escrita de mundo pelos estudantes.

António Nóvoa (2009) e Valente (1999), indicam que a pesquisa busca explorar estratégias pedagógicas que promovam autonomia, criticidade e protagonismo discente, mediadas de forma ética e intencional pela presença da tecnologia.

2. DESENVOLVIMENTO E/OU REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

A presença crescente da Inteligência Artificial (IA) na educação tem provocado profundas reflexões sobre o papel docente e as novas formas de mediação do conhecimento. No ensino de História, em especial, o desafio consiste em orientar os estudantes para que utilizem as tecnologias digitais não como substitutas do pensamento crítico, mas como instrumentos de

apoio à investigação, à autoria e à construção coletiva do saber histórico. Nessa perspectiva, compreender o uso pedagógico da IA implica reconhecer tanto suas potencialidades quanto seus riscos, situando o professor como mediador essencial nesse processo.

A reflexão teórica que fundamenta esta experiência baseia-se em autores que compreendem a educação como prática libertadora e crítica. Paulo Freire (1996/2021) defende uma pedagogia voltada para a autonomia e para a consciência crítica dos sujeitos, na qual o conhecimento é resultado do diálogo e da problematização do mundo. Como afirma Nóvoa (2009, p. 21), “a formação de professores deve ser pensada a partir da escola e das práticas, valorizando o professor como sujeito que aprende e se desenvolve na partilha e na colaboração”. Essa concepção amplia a compreensão do docente como protagonista do processo educativo, capaz de articular saberes, experiências e tecnologias em favor da aprendizagem crítica. Já Valente (1999) propõe que o uso das tecnologias digitais deve servir à investigação e à construção ativa do conhecimento, superando a lógica da mera reprodução de conteúdo.

Assim, a prática pedagógica mediada pela IA precisa ser planejada com intencionalidade ética e cognitiva, favorecendo o desenvolvimento de habilidades críticas, criativas e colaborativas. Nesse sentido, as reflexões do The New London Group (2009) contribuem para compreender como os processos de ensino e aprendizagem mediados por tecnologias demandam múltiplas formas de letramento — os chamados multiletramentos — que articulam diferentes linguagens, culturas e modos de significar. Essa perspectiva reforça que o papel do educador, diante da Inteligência Artificial, envolve promover práticas pedagógicas que desenvolvam a leitura crítica, a produção autoral e o diálogo entre linguagens textuais, visuais e digitais.

O aporte metodológico deste trabalho também dialoga com experiências exitosas de aprendizagem histórica, como a Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB), promovida pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Essa iniciativa tornou-se referência por propor um modelo de ensino que estimula a pesquisa, a análise crítica de fontes e o diálogo entre múltiplas interpretações do passado. Suas atividades são elaboradas de modo a possibilitar mais de uma alternativa correta, o que convida os participantes à argumentação, ao debate e à busca da resposta mais fundamentada. Essa estrutura rompe com o padrão tradicional das avaliações escolares, nas quais se busca uma única resposta absoluta, e aproxima o ensino da História de uma prática investigativa, dialógica e interpretativa.

Inspirado nesse modelo, o projeto Olimpíada de História SESI 316 foi concebido com o propósito de estimular o protagonismo discente e o uso reflexivo da IA no processo de aprendizagem. A proposta desafiou os estudantes do 9º ano a elaborarem questões de múltipla escolha com base em fontes históricas diversas — como vídeos, textos, documentos oficiais, músicas e o próprio livro didático —, utilizando ferramentas de IA como apoio à formulação, mas sempre com mediação docente e análise crítica dos resultados. Essa metodologia favoreceu a articulação entre teoria e prática, ampliando o repertório cultural dos alunos e incentivando o diálogo entre o conhecimento histórico e as tecnologias contemporâneas.

Outros referenciais também contribuíram para a construção do projeto. Benjamin (2012) e Galzerani (2023) destacam a importância da narrativa, da escuta sensível e da memória na formação histórica, compreendendo o ensino como um espaço de partilha e construção coletiva. Já Bacich e Moran (2018) fundamentam o uso das metodologias ativas, que priorizam o protagonismo discente e o desenvolvimento de competências investigativas, colaborativas e socioemocionais. Com base nesses referenciais, a IA foi inserida não como substituta da aprendizagem, mas como instrumento de diálogo, problematização e autorreflexão, permitindo aos alunos reconhecerem os limites e as potencialidades de sua utilização no campo educacional.

2.1. Procedimentos metodológicos

A pesquisa tem caráter qualitativo e exploratório, centrado na observação participante das práticas em sala de aula. As etapas incluíram:

- (a) oficinas orientadas de análise de fontes;
- (b) rodas de conversa para construção de critérios de qualidade das questões;
- (c) elaboração colaborativa das questões com apoio crítico da IA;
- (d) avaliação comparativa entre as questões e justificativas produzidas pelos estudantes e as respostas sugeridas pela IA.

2.2. Fontes artísticas como documentos históricos

As canções ocuparam lugar de destaque como fontes de leitura do passado e do presente. A música, enquanto manifestação cultural, ultrapassa o entretenimento e se constitui em documento histórico sensível às transformações sociais, políticas e econômicas. Ao analisar letras que tematizam lutas, conquistas, censuras, resistências e esperanças, os estudantes contextualizaram sua produção e estabeleceram conexões entre temporalidades. Essa abordagem democratiza o acesso ao conhecimento histórico, amplia o repertório cultural e consolida a arte como aliada da História, dando voz a sujeitos e afetos muitas vezes ausentes dos registros oficiais. Em termos formativos, o uso de canções potencializa o pensamento crítico e reafirma o compromisso escolar com a pluralidade de narrativas e o protagonismo discente.

2.3. Papel da mediação docente

O processo demandou mediação constante para transformar a IA de ferramenta passiva em dispositivo ativo de reflexão. Observou-se desafios inerentes à migração gradativa da dependência tecnológica para uma postura de autoria e argumentação, com maior consistência conceitual, precisão vocabular e consciência dos limites da IA. Os resultados foram analisados qualitativamente, a partir da observação participante e da comparação entre produções iniciais e finais, considerando critérios como profundidade argumentativa, autonomia interpretativa e consistência conceitual.

Os resultados foram analisados de forma qualitativa, a partir da observação participante e da comparação entre produções iniciais e finais, considerando critérios como profundidade argumentativa, autonomia interpretativa e consistência conceitual.

3. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E RESPECTIVA ANÁLISE

A aplicação do projeto *Olimpíada de História SESI 316* revelou resultados expressivos no desenvolvimento cognitivo, na autonomia intelectual e na capacidade de análise crítica dos estudantes. No início da proposta, observou-se certa resistência em formular perguntas e dificuldades em articular informações históricas sem recorrer diretamente à Inteligência Artificial. A maioria das produções iniciais apresentava estrutura superficial, com uso de vocabulário limitado e ausência de argumentação, o que evidenciava uma relação ainda dependente e passiva frente às tecnologias digitais.

Com o avanço das mediações e o fortalecimento das discussões coletivas, os estudantes começaram a compreender, de forma mais profunda, a importância da pesquisa, da

interpretação e da autoria intelectual como pilares da construção do conhecimento histórico. O exercício de comparar suas próprias respostas com aquelas geradas pela IA transformou-se em uma prática de análise crítica e de autoavaliação. Essa comparação levou os alunos a perceberem as diferenças entre produções humanas — marcadas por intencionalidade, empatia e contextualização — e respostas automatizadas, frequentemente limitadas à reprodução de informações sem interpretação. Esse processo de confronto possibilitou aos estudantes identificar imprecisões históricas, simplificações de contexto e ausência de perspectiva crítica nas respostas automatizadas, fortalecendo, assim, sua autonomia e sua consciência sobre o papel ativo do sujeito na produção do saber.

Como culminância do projeto, os grupos elaboraram uma avaliação temática intitulada “Racismo Estrutural”, inspirada no modelo da Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB/UNICAMP). O instrumento foi construído de forma colaborativa, com base na análise de fontes históricas, letras de músicas, trechos de documentários, textos acadêmicos e excertos do livro didático. As questões, elaboradas em formato de múltipla escolha, foram estruturadas segundo o princípio da gradação de assertividade, o que significa que mais de uma alternativa poderia ser considerada correta, variando entre a mais e a menos fundamentada. Essa lógica metodológica, herdada da ONHB, exigiu dos alunos leitura atenta, comparação de evidências e debate argumentativo para determinar qual opção apresentava a interpretação mais consistente.

Durante a aplicação da avaliação, os próprios estudantes assumiram o papel de pesquisadores e avaliadores, conduzindo uma atividade de dupla dimensão: elaborar e responder às questões. Para solucioná-las, os grupos precisaram entrar em contato direto com as fontes históricas, analisando-as criticamente e avaliando coletivamente qual resposta melhor correspondia ao contexto e à intencionalidade das evidências apresentadas. O processo revelou-se altamente formativo, pois promoveu o diálogo entre pares, o respeito às divergências interpretativas e a valorização da argumentação fundamentada.

A produção da prova também demonstrou o amadurecimento conceitual dos participantes, especialmente ao tratar de um tema sensível e socialmente relevante como o racismo estrutural — abordando suas raízes históricas, permanências e impactos contemporâneos.

A experiência indica que a mediação docente exerceu papel decisivo na transformação do uso da IA em sala de aula, convertendo-a de uma prática passiva e meramente instrumental em uma ferramenta efetiva de reflexão e construção de conhecimento. Por meio da orientação contínua, das rodas de conversa e das análises comparativas, os estudantes foram desafiados a questionar as respostas automatizadas, compreendendo seus limites e potencialidades. Essa condução pedagógica fez com que deixassem de atuar como consumidores de informações para se tornarem autores conscientes, capazes de produzir análises históricas contextualizadas e interpretativas. O trabalho revelou, assim, o potencial da IA quando utilizada de modo intencional e mediado, contribuindo para o desenvolvimento da autoria, da leitura crítica e da autonomia intelectual.

A análise dos resultados reforça a tese de que o uso pedagógico da IA requer intencionalidade, ética e criticidade. Sem a mediação docente, o recurso tende a reproduzir práticas automatizadas e superficiais. Quando orientado adequadamente, contudo, transforma-se em um instrumento potente de reflexão e ampliação da consciência histórica. Essa constatação emergiu também durante a aplicação da avaliação criada pelos alunos, na qual o envolvimento coletivo e o compromisso com a interpretação das fontes tornaram-se evidentes.

Esse processo colaborativo não apenas favoreceu a compreensão crítica das informações, mas também consolidou o exercício da autoria intelectual e o protagonismo estudantil, aspectos essenciais para a formação de um pensamento histórico autônomo, empático e cientificamente fundamentado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo confirma que o papel do educador na era da Inteligência Artificial é mais necessário do que nunca. A tecnologia, por si só, não garante aprendizagem significativa. O docente, ao assumir a postura de mediador crítico e ético, transforma a IA em aliada da formação cidadã, crítica e autônoma. A experiência do projeto Olimpíada de História SESI 316 demonstrou que os jovens podem desenvolver competências complexas, como análise, argumentação e autoria, quando as ferramentas digitais são utilizadas com intencionalidade pedagógica e reflexiva.

O trabalho aponta para a necessidade de redefinir o papel do professor como curador de informações, provocador de perguntas e orientador de percursos investigativos. Nessa nova realidade, o conhecimento não é apenas transmitido, mas construído em diálogo, mediado pela escuta sensível, pela ética e pela colaboração. A percepção dos estudantes sobre o próprio processo de aprendizagem reforça os resultados observados. Em um dos depoimentos coletados após a atividade, uma aluna do 9º ano sintetizou de forma sensível o impacto da experiência:

“Participar da Olimpíada de História foi uma experiência totalmente nova para mim. Não sou uma das melhores na matéria, mas percebi que a atividade nos tornou protagonistas do nosso próprio aprendizado, e isso foi a melhor parte. Resolver as questões foi um pouco desafiador, mas também muito divertido e descontraído, principalmente por ser em grupo. Todos os integrantes contribuíram e se envolveram com a atividade, o que tornou a experiência melhor ainda. O tema escolhido, democracia, era amplo e extremamente interessante, o que tornou a participação melhor ainda. No geral, adorei a oportunidade e espero que tenha mais vezes.”

Outro estudante destacou as dificuldades enfrentadas no processo de elaboração das perguntas e na interação com a Inteligência Artificial:

“Pra mim, foi muito difícil porque o ChatGPT nem sempre trazia perguntas bem elaboradas e, se minha equipe não interagisse direito, a professora pedia para reestruturarmos. Isso foi bem difícil — pensar em vocabulário, respostas elaboradas, apresentar para a sala. Mas depois de tudo finalizado, quando a gente sentou pra resolver as questões, percebi que aprendi umas coisas importantes.”

Os relatos revelam a complexidade do processo de aprendizagem mediado pela IA: a construção do conhecimento demandou esforço coletivo, reformulação de ideias e orientação constante. As dificuldades iniciais, longe de desmotivar, transformaram-se em oportunidades de reflexão e amadurecimento intelectual. Esses depoimentos confirmam que o protagonismo discente e a mediação docente foram decisivos para que os estudantes superassem os desafios e reconhecessem o valor do percurso formativo.

5. REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian; **MORAN**, José. *Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora*. Porto Alegre: Penso, 2018.

BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: **MAGIA E TÉCNICA, ARTE E POLÍTICA: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8. ed. São

Paulo: Brasiliense, 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 70. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GALZERANI, Maria Carolina. *A escuta como dispositivo formativo: narrativas de jovens estudantes e a mediação docente*. São Paulo: Cortez, 2023.

NÓVOA, António. *Os professores e sua formação*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2009.

PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa; BOTTENTUIT JR., João Batista (Org.). *ChatGPT e outras inteligências artificiais: práticas educativas na cibercultura*. v. 2. São Luís:

THE NEW LONDON GROUP. *A Pedagogia dos Multiletramentos: projetando futuros sociais*. In: ROJO, Roxane (org.). *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

VALENTE, José Armando. *Computadores e conhecimento: repensando a educação*. Campinas, SP: Unicamp, NIED, 1999.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS (UNICAMP). Olimpíada Nacional em História do Brasil – ONHB. Campinas: UNICAMP, [s.d.]. Disponível em: <https://www.olimpiadadehistoria.com.br/>. Acesso em: 11 out. 2025.

ANEXO 1 – Avaliação elaborada pelos estudantes: “Racismo Estrutural” (9ºB – SESI 316)

A seguir, apresenta-se parte da prova elaborada pelos estudantes do 9º ano B, como produto final do projeto *Olimpíada de História SESI 316*. O instrumento foi criado de forma colaborativa, com base em fontes históricas, literárias e midiáticas, e contou com o uso mediado da Inteligência Artificial.

PROVA OFICIAL – GABARITO - Racismo Estrutural

Questão 2 – (EF.09.HIS.7.73); (EF.09.HIS.4.74) - Analisar as estratégias de inserção e resistência da população negra no Brasil pós-abolição, reconhecendo sua participação ativa na formação da sociedade brasileira contemporânea, por meio da investigação de marcos históricos, culturais e patrimoniais construídos por africanos e afro-brasileiros.

Tema: Movimento negro dos anos 1970 e conexões transnacionais

Fonte: Livro didático, p. 228–240.

O movimento negro brasileiro dos anos 1970 dialogou com pautas internacionais (EUA, África), mas **produziu agendas próprias**, enraizadas na experiência histórica afro-brasileira. Qual alternativa melhor expressa essa **dinâmica entre inspiração externa e elaboração local**?

Alternativas

- A) Inspirou-se nas lutas externas, mas **construiu estratégias políticas e culturais próprias**, valorizando a história afro-brasileira e articulando o combate ao racismo no contexto da ditadura. **(5 pts)**
- B) Limitou-se a reproduzir ações dos EUA e da África, sem propostas autônomas no Brasil. **(0 pt)**
- C) Formou-se com pouca conexão com os movimentos sociais internos, atuando de modo disperso. **(1 pt)**
- D) Valorizou a cultura negra e estabeleceu vínculos internacionais, mas sem repercussões políticas na agenda nacional. **(4 pts)**

Questão 3 – (EF.09.HIS.4.74) - Analisar manifestações culturais como forma de expressão e resistência.

Tema: “Negro Drama” (Racionais MC’s) e racismo estrutural

Fonte: Letra da música “Negro Drama” – Racionais MC’s.

<https://www.cifraclub.com.br/vinicius-lobes/negro-drama/letra/>

A música “Negro Drama” é frequentemente lida como uma **denúncia das permanências históricas do racismo estrutural** no Brasil. Considerando as imagens e experiências sociais narradas na letra, a alternativa que melhor interpreta esse racismo é:

Alternativas

- A) A canção evidencia como o racismo estrutural naturaliza a violência contra corpos negros, conectando-a à herança escravista e às dinâmicas de controle policial e estigmatização. **(5 pts)**
- B) Descreve apenas a desigualdade econômica, sem associá-la ao racismo histórico e institucional. **(1 pt)**
- C) Apresenta um discurso “vitimista”, deslocando a responsabilidade individual pelos fracassos sociais. **(0 pt)**
- D) A música aborda a pobreza e a violência urbana como efeitos da exclusão social sofrida

pela população negra, apontando raízes históricas ligadas ao fim da escravidão, ainda que sem detalhar as estruturas racistas atuais. **(4 pt)**

Questão 4 – EF.09.HIS.7.87 Reconhecer as reivindicações e resistências dos povos indígenas e quilombolas (africanos e afro-brasileiros), relacionando-as a formas de contestação ao modelo de desenvolvimento durante a ditadura militar até os dias atuais.

Fontes:

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c5179z2v6dwo>

<https://www.metropoles.com/sao-paulo/vereadora-acusada-de-racismo-associou-mulher-negra-a-sapatos-baratos>

A declaração da vereadora, que associou mulheres negras a «sapatos baratos», gerou uma grande controvérsia e reacendeu debates sobre o racismo na sociedade brasileira. Considerando o impacto que eventos históricos, como o boicote aos ônibus de Montgomery, tiveram no movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos, e levando em conta o atual contexto do Brasil, é possível afirmar que estamos testemunhando uma mudança significativa em relação ao racismo estrutural? Como as palavras de figuras públicas influenciam ou refletem o processo de mudança social nesse sentido?

Alternativas:

A) A fala da vereadora demonstra como estereótipos raciais ainda estão profundamente enraizados na sociedade brasileira, mas também revela o potencial de resistência social, similar ao boicote aos ônibus de Montgomery, que, embora simbólico, levou a uma transformação mais ampla nas políticas de segregação. Essa resistência contínua é um reflexo da necessidade de revisitar a estrutura social para combater o racismo de forma mais eficaz. **(5pts)**

B) Embora a fala de uma figura pública como a vereadora reforce a presença de estereótipos raciais no Brasil, isso também nos mostra que o racismo estrutural é uma questão em evolução. O Brasil ainda está em um processo de reflexão e mudança, como o movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos, e o impacto de atitudes como essa pode, de fato, ser mais significativo do que parece à primeira vista. **(4pts)**

C) O caso da vereadora é um exemplo isolado que não reflete a realidade do racismo estrutural no Brasil, que já teria sido superado. A acusação contra ela não tem relevância para o debate atual sobre desigualdade racial no país. **(1pt)**

D) A vereadora não teve a intenção de reforçar estereótipos raciais, e as acusações contra ela são uma exagerada interpretação de suas palavras. O racismo, portanto, não é um problema central na sociedade brasileira de hoje. **(zero)**